

## ANOS DE CHUMBO

## Os fantasmas ainda estão aqui

Filme nacional campeão de bilheteria é uma denúncia política sobre um Brasil de abusos e impunidade na forma de drama de família

» LUIZ CARLOS AZEDO

É impossível não estabelecer uma relação entre o filme *Ainda estou aqui* — drama que retrata a vida da família do ex-deputado Rubens Beyrodt Paiva, sequestrado e assassinado no quartel da Polícia do Exército da Rua Barão de Mesquita, na Tijuca, Rio de Janeiro, em 1971 — e a atual conjuntura política, na qual o ex-presidente Jair Bolsonaro e um grupo de militares, entre os quais alguns generais de Exército e um almirante de esquadra, são acusados de tentativa de golpe de Estado.

Mais de 50 anos depois, a história oferece um forte contraste entre o que ocorre com esses militares, que estão sendo indiciados e serão julgados com base no devido processo legal, e o que se passou com o opositor assassinado sob custódia do Estado durante o regime militar.

O filme é um sucesso de bilheteria, foi visto por mais de 2 milhões de espectadores (maior público do cinema nacional no ano) e superou R\$ 40 milhões de faturamento. Ao contrário de outras obras do gênero que também retratam os anos de chumbo, o filme de Walter Salles Jr., com Fernanda Torres e Fernanda Montenegro no papel de Eunice Paiva, tem uma dramaturgia emocionalmente contida, embora muito forte do ponto de vista sentimental e político.

*Ainda estou aqui* é inspirado no livro de Marcelo Rubens Paiva, escritor, dramaturgo e jornalista paulista, filho do ex-deputado federal do PTB, cassado pela ditadura. Lançada em 2015, é uma obra de grande qualidade

VideoFilmes



*Ainda estou aqui*, de Walter Salles Jr., tem Selton Mello, no papel do deputado torturado e morto pela ditadura, e Fernanda Torres, como a esposa Eunice

técnica, que retrata o cotidiano da família Paiva antes e depois da prisão do parlamentar.

Rubens Paiva era político, engenheiro e jornalista, foi deputado federal pelo antigo estado da Guanabara, em 1962, pelo PTB. Como parlamentar, defendia reformas sociais progressistas do governo João Goulart, deposto pelos militares. Foi cassado pelo Ato Institucional nº 1, logo após o golpe militar de 1964.

É uma das vítimas mais simbólicas da ditadura militar brasileira. Seu caso colocou em

xeque a narrativa do regime de que combatia terroristas ligados à luta armada, tese que justificaria torturas e execuções. O político desapareceu em janeiro de 1971, após ser levado para o DOI-Codi, no Rio de Janeiro, sob suspeita de envolvimento com atividades consideradas subversivas pelo governo militar, depois de ser detido em sua casa.

O assassinato de Rubens Paiva só começou a ser esclarecido após o fim da ditadura. Marival Chaves, ex-agente do regime militar, anos depois, em

depoimentos públicos e à Comissão Nacional da Verdade, revelou práticas sistemáticas de tortura, ocultação de cadáver e execuções realizadas pelos órgãos de repressão, incluindo o DOI-Codi.

Marival Chaves de Souza foi sargento e trabalhou no Centro de Informações do Exército (CIE). Nos anos 1990 e no período da Comissão Nacional da Verdade (CNV), revelou detalhes de casos específicos. Segundo ele, o ex-deputado foi torturado “por ordens superiores”. Em uma

dessas sessões de tortura, não resistiu. Testemunhos indicam que Rubens Paiva sofreu traumas severos — fraturas e lesões internas — que o levaram à morte.

Segundo Marival, seu corpo foi esquartejado e descartado no mar, uma prática comum na época, para ocultar provas de assassinatos cometidos pelo regime. As autoridades criaram uma narrativa falsa, alegando que o político teria fugido durante uma tentativa de resgate. Seus restos mortais nunca foram encontrados. No

topo da cadeia de comando, estavam o então ministro do Exército, Orlando Geisel, e o presidente Emílio Garrastazu Médici.

A família de Rubens Paiva, especialmente a filha, Vera Paiva, a Veroca, por décadas, ao lado da mãe, lutou para descobrir a verdade e exigir justiça. Apenas em 2014, a CNV reconheceu oficialmente que o ex-deputado foi assassinado sob tortura pelo Estado brasileiro. Ele tornou-se um símbolo da resistência democrática e da luta por justiça no Brasil. Escolas, ruas e praças receberam seu nome em diversas cidades brasileiras. Sua história é um alerta contra a repressão política e a violência de Estado.

## Torturadores

Apesar das revelações e do reconhecimento oficial do crime, os responsáveis pela morte de Rubens Paiva foram beneficiados pela Lei da Anistia de 1979 e nunca foram punidos: o coronel do Exército Rubens Paim Sampa, comandante do DOI-Codi, no Rio, responsável pelas operações no local, incluindo tortura de presos políticos; o capitão do Exército Frederico Aramis de Oliveira, violento chefe de interrogatórios no DOI-Codi, um dos executores diretos das sessões de tortura; o major do Exército Alfredo Paulo Charlet, subordinado do comandante do DOI-Codi, participava das sessões de tortura e supervisionava os interrogatórios, inclusive os de Rubens Paiva; e o delegado do Dops e agente do DOI-Codi Manoel Thomaz Pereira, um dos torturadores mais ativos no período em que Rubens Paiva esteve detido.

## CÚPULA DO MERCOSUL

## Nova chance de acordo com UE

» VICTOR CORREIA

Isac Nóbrega/PR



Mercosul tenta destravar negociação de livre comércio com europeus

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva participa, nesta semana, da 15ª Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul, após prometer novamente fechar o acordo de livre comércio com a União Europeia (UE). O tema caminha para ser o centro das discussões no encontro, em Montevidéu, capital do Uruguai, entre quinta e sexta-feira.

A reunião será realizada com uma perspectiva de mudança positiva também para o Brasil, a partir do ano que vem, com a vitória de Yamandú Orsi para a presidência do país anfitrião da cúpula. De esquerda, Orsi promete fortalecer a visão do governo brasileiro pela integração sul-americana, ao substituir Lacalle Pou, político de centro-direita que defende negociações fora do Mercosul.

Há otimismo no governo brasileiro de que o acordo com os europeus possa ser anunciado durante a cúpula. Na semana passada, negociadores dos dois países estiveram reunidos em Brasília para formular um texto final que, se aprovado por ambos os blocos, será avaliado no encontro no Uruguai, com a presença da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

Porém, recrudescer nas últimas semanas a resistência ao tratado, após protestos de agricultores franceses e a mudança de posição da Itália e da Polônia, que se juntaram à França contra o acordo.

O ponto alto da crise foi o embate entre o agronegócio e a rede francesa de supermercados Carrefour, que suspendeu a compra da carne brasileira por suas lojas na França, com críticas à qualidade sanitária do produto brasileiro.

Em resposta, associações de produtores de carne boicotaram os mercados Carrefour no Brasil e deixaram de vender para a rede, o que acabou forçando a marca a recuar da decisão. Ao mesmo

tempo, parlamentares franceses mantiveram as queixas à proteína animal produzida pelos sócios do Mercosul.

A tensão chegou a tal ponto que Lula saiu em defesa do agro, em discurso na quarta-feira passada. “Eu quero que o agronegócio continue crescendo e causando raiva em deputado francês que achincalhou o produto brasileiro. Porque nós vamos fazer o acordo com o Mercosul, nem tanto pela questão do dinheiro, vamos fazer porque eu estou há 22 anos nisso”, enfatizou o petista.

Ele também minimizou a oposição do governo de Emmanuel Macron ao acordo de livre comércio. “Se os franceses não quiserem fazer o acordo, eles não apitam mais nada. Quem apita é a Comissão Europeia. E a Ursula von der Leyen (presidente da UE) tem procuração para fazer o acordo e a gente vai assinar o acordo neste ano”, acrescentou.

Em Brasília, a discussão sobre o acordo envolveu o negociador-chefe da UE, Rupert Schlegelmilch, e secretários de seis pastas brasileiras: Itamaraty; Meio Ambiente; Desenvolvimento,

Indústria, Comércio e Serviços; Ciência e Tecnologia; Agricultura e Pecuária; e Gestão e Inovação. Apesar do otimismo, não será surpresa se o acordo for novamente adiado.

## Argentina

O presidente da Argentina, Javier Milei, confirmou presença na cúpula e disse que vai atuar em prol do acordo. “Tudo o que envolve acordos comerciais nós vamos sempre concordar, seja Mercosul-UE, seja um acordo de livre comércio com os Estados Unidos. Vamos promover tudo dentro das dificuldades que existem”, declarou o porta-voz da Presidência argentina, Manuel Adorni.

O acordo também é defendido pelo presidente do Uruguai, Lacalle Pou, e pelo presidente eleito do país, Yamandú Orsi. Na sexta-feira, Orsi foi recebido por Lula no Palácio do Planalto. “Como Mercosul e como região, estamos otimistas com a possibilidade de seguir estreitando laços com a nossa região e, fundamentalmente, com a Europa”, disse Orsi a jornalistas.



## CEB ANUNCIA VENDA DE TERRENO EM ÁREA NOBRE DE TAGUATINGA

A Companhia Energética de Brasília (CEB) anunciou nesta semana a abertura de um processo de licitação para a venda de um terreno localizado em uma área nobre de Taguatinga. Composto por 14 lotes, com 750,00 m<sup>2</sup> cada, totalizando uma área de 10,5 mil m<sup>2</sup>, será vendido em lote único e está situado em uma região valorizada de Taguatinga, próximo à Feira dos Goianos.

Os interessados podem acessar o edital completo no site oficial da empresa: [compras.ceb.com.br](https://compras.ceb.com.br). Pessoas físicas e jurídicas podem participar, desde que cumpram com os requisitos e prazos estabelecidos no documento.

O terreno em questão serviu estrategicamente por anos como base operacional da CEB durante o período em que a empresa atuava na distribuição de energia. Agora, a decisão pela venda integra o plano da companhia para fortalecer o caixa e otimizar o uso de ativos. A CEB destacou que o imóvel representa uma oportunidade única para quem busca um investimento em área estratégica, dada sua localização privilegiada e o desenvolvimento econômico da região.



Acesse o edital aqui.